Ano 30.º | Sábado, 7 de Agosto de 1937 | N.º 1486

O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
Composição e impressão
Tipografia Lusitânia
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro
Toda a correspondência deve ser dirigida ao director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

HORAS DE FELICIDADE

AVEIRO PERANTE A CIDADE DE VIANA DO CASTÉLO

A prova duma ilimitada amisade

Viana veio a Aveiro! E a nossa terra, exultando com isso, cheia de júbilo em presença de tão honrosa como estimada visita, estendeu-lhe os braços e recebeu os habitantes da Princêsa do Lima com o coração nas mãos.

Só fez o que devia porque Viana do Castelo tudo merece—tudo!—tantas têm sido as provas de consideração, de afecto e de carinho que dêsse povo amigo temos recebido de há 28 anos a esta parte. Mas vamos ao relato do que se passou, sucinto está bem de vêr, todavia feito de maneira a dar uma pálida ideia do que Aveiro preparou para receber a embaixada vianense, presidida, mais uma vez, pelo ilustre advogado, dr. José de Matos, prestigiosa figura da província do Minho.

O dia de domingo amanheceu risonho, com ar festivo. As ruas Direita, em parte, e de Coimbra, a Praça Luís Cipriano e o Cais, dum lado e doutro, bem como a Rua de Viana do Castelo, apresentam-se engalanadas. Nas janelas dos prédios flutuam bandeiras e à entrada da Rua Coimbra duas figuras simbólicas dão nas vistas pelo que representam de significativo.

A recepção

Á hora da tabela, 10,13, chega o comboio excursionista. Aguardam-no na estação tôdas as associações locais com os seus estandartes, as duas corporações de bombeiros, três bandas de música e povo, muito povo—uma imensidade de gente. Ao entrar nas agulhas a locomotiva, girândolas de foguetes sobem ao ar, as músicas rompem com o hino da cidade e de tôdas as bocas saem aclamações, entusiásticas aclamações a Viana do Castelo, ao Sport Club Vianense, ao seu presidente e também da Câmara, dr. José de Matos, aos grémios locais, etc. E é assim e por entre uma revoada de palmas, batidas com frenesi, que os vianenses são recebidos—que Viana do Castelo é acolhida.

Depois organisa-se um cortejo com os bombeiros à frente. Vem pela Avenida Dr. Lourenço Peixinho abaixo em direcção à Câmara Municipal. Das janelas dos prédios e das varandas pejadas de senhoras, atiram-lhe flores. Os vianenses exteriorisam o seu reconhecimento erguendo vivas a Aveiro, às damas de Aveiro, ao povo da nossa terra.

Extraordinàriamente belo o que se passa!

Em frente ao *Arcada-Hotel*, porém, as manifestações tomam maior vulto, como, logo a seguir, na Rua Coimbra. Nem admira. É aqui o coração da cidade e o coração expandia-se, cumprindo integralmente o seu dever.

Na Câmara Municipal

Ficam os Paços do Concelho situados ao cimo da Rua Coimbra, fazendo face, com outros edifícios, à Praça da República, que, a pezar das suas dimensões, se tornou pequena para conter a multidão. A' chegada do cortejo repicam festivamente os sinos e estralejam mais foguetes. Diffícil a entrada na sala das sessões, que logo se enche por ser pequena. Nos seus respectivos lugares a vereação, sob a presidência do dr. Lourenço Peixinho, vendo-se a ocupar outros logares, considerados de honra, o sr. dr. Elias Gonçalves, representante do chefe do distrito; dr. Melo Freitas, presidente da Comissão das Festas; dr. José de Matos, presidente da Câmara de Viana e da Excursão, e dr. Querubim Guimarães, deputado e presidente da Comissão Distrital da União Nacional.

O sr. dr. Lourenço Peixinho, usando da palavra, agradece, em primeiro lugar, a visita dos vianenses. Após, dirige-lhes uma calorosa saüdação e diz que os sentimentos de amor que ligam as duas cidades — Viana e Aveiro—estão tão arreigados nos seus corações que as alegrias ou as tristezas duma, a outra as toma logo como suas também. O dia de hoje —acrescenta—ficará como um testemunho e um sêlo indestrutível dessa amisade.

E a terminar:

—Para a linda cidade de Viana, para todos os seus habitantes, um abraço de cada um dos aveirenses, que eu vos transmito em seu nome e na qualidade de presidente dêste município. *(aplausos quentes, ovações calorosas.)*

Segue-se o sr. dr. José de Matos. Em nome do seu povo, dos que vieram e dos que ficaram, não pode deixar de dirigir a Aveiro o seu comovido agradecimento pela apoteótica recepção de que os vianenses foram alvo, o que faz não só por dever do cargo, mas também por devoção da sua alma. Recorda o que se tem passado entre as duas cidades desde a primeira vez que se encontraram, a mútua simpatia que as une desde há perto de três dezenas de anos, e termina assim:

—Sinto um amor tão grande por Aveiro, que com êle hei-de morrer. *(Nutridas palmas, delirantes aclamações às cidades do Minho e do Vouga)*

No Club dos Galitos

Sessão solene e inauguração do retrato do seu sócio honorário, dr. José de Matos

Da Câmara vão os excursionistas à séde do Club dos Galitos, que fica a pouca distância, na Praça Luís Cipriano. O vasto salão de festas do patriótico grémio é invadido, bem como todas as dependências em volta. Então, o sr. dr. Melo Freitas, restabelecido, a custo, o silêncio, visto não terem ainda cessado as manifestações a que a visita dos nossos amigos deu origem, subindo acima dum banco, profere o seguinte discurso:

Vianenses e Aveirenses:

«Como Presidente da Assembleia Geral do Club dos Galitos, eu vos saúdo, Vianenses! Eu vos saúdo do mais íntimo da minha alma.

Os mortos escutam-me, e da campa de alguns dêles projecta-se já a sombra do passado. Souberam dar-nos, a nós, aveirenses, o exemplo da sua grande amisade a Viana, a uma cidade encantadora, a um povo pródigo em nos querer bem. Honrêmos êsse exemplo, não deixando jàmais que se atenuem os laços de rara estima que nos prendem. Amisade que não se filia em interêsses comuns ou vizinhança, amisade que, sem nos cansarmos a procurá-la, se encontra sempre!

Tudo começou, há 28 anos, pela fidalga gentileza de Viana do Castelo,—que logo se converteu em profunda gratidão dos aveirenses. Continúa-se no mesmo estado de coisas: as gentilezas são de Viana para com Aveiro, e por tal sorte que não há meio de deixarmos de ser nós os devedores.

Aveiro e Viana sentem-se enternecidas uma pela outra, e assim querem viver.

Na vanguarda, a cimentar uma permanente amisade, o Sport Club Vianense e, dentro dêle, o sr. dr. José António de Matos. Há muito ceifado pela morte, mas que foi dos mais ilustres e mais entusiastas, o sr. padre João da Assunção Couto Viana, a quem votamos sentida saüdade.

Pode o Club dos Galitos vangloriar-se de haver caminhado também na vanguarda e de, ainda hoje, não ceder a outrem o lugar que conquistou e lhe pertence. Confesso, todavia, a minha satisfação por ver que, presentemente, de cá como de lá, Viana e Aveiro se encontram unidas por imorredoura estima, que não conhece as fronteiras de dois clubes: o Sport Club Vianense e o Club dos Galitos, sendo, como é, entre todo o povo das duas cidades.

E' nosso desejo, queridos Vianenses, não deixarmos de merecer aquela estima, que muito vale e muito significa.

Desculpai as nossas faltas. Quereríamos receber-vos como vós nos recebeis, cobrindo-os de flores e vibrando de alegria. E' isso estranho ao nosso temperamento. Ficamos sempre mal! Mas vós já nos conheceis, estais a par dos nossos defeitos e das nossas virtudes. Não seríamos capazes de mentir-vos e eu posso afirmar que Aveiro, embora não saiba manifestá-lo, tem o maior contentamento em receber-vos.

Falham-me as fôrças para dizer-vos e faltam-me palavras para exprimir-me. Mas, sem palavras, porque sentimentos há que são intraduzíveis, eu creio que os vossos corações me entenderão.

Sigâmos o rasto de luz que ilumina as almas bem formadas e que dos Vianenses e Aveirenses se possa contar que atrelaram o seu carro a uma estrêla.

Vianenses: acreditai-me; não preparei o que tinha a dizer vos e apenas quis dizer-vos o que está no meu coração.

Viva Viana do Castelo!

Vivam os promotores da excursão!

Viva o Sport Club Vianense!

Viva o sr. dr. José de Matos!»

Uma revoada de palmas abafa as últimas palavras do orador enquanto os seus vivas são entusiàsticamente correspondidos e entremeados com outros à cidade de Aveiro, ao Club dos Galitos, à Comissão das Festas, etc., etc. E a seguir fala o sr. Francisco Ferreira da Encarnação, presidente da Direcção do mesmo Club, que dêste modo se exprime:

Minhas senhoras e meus senhores:

«Eu serei breve. Apenas algumas palavras evocativas do passado e de alusão ao acto que se vai realisar.

Em 29 de Julho de 1909 levou a efeito o Club dos Galitos a sua primeira excursão à formosa cidade de Viana do Castelo, organisada pela direcção que eu então secretariava e era presidida pelo meu velho e dilecto amigo Pompeu da Costa Pereira.

São já volvidos 28 anos e com que saüdade eu recordo essas horas de inexcedível alegria que tive a suprema ventura de gosar em tão querida terra, cercado dos maiores carinhos que por todos os vianenses nos eram dispensados.

Desde então para cá, nas diferentes visitas que, alternadamente, se vêm efectuando, tomaram tão grande incremento as demonstrações de estima entre vianenses e aveirenses, que há muito as duas cidades se consideram irmãs.

Muitos e ilustres vianenses têm contribuído com o seu entusiasmo e com a sua actividade para que a sua linda terra nutra por Aveiro tão especial simpatia.

O Club dos Galitos, como realisador das excursões que se vêm efectuando, contraíu para com êles uma grande dívida de gratidão.

Chegou o momento, não de fazermos a sua liquidação, por que isso se nos torna impossível, mas de prestar-lhe a nossa sincera homenagem.

Dentro do Club dos Galitos, encontra-se, neste momento, uma grande excursão, que da Princesa do Lima, cidade gentil, de gente hospitaleira e boa, a que nos prendem laços da mais franca e indestrutível amisade, se deslocou para dar-nos o prazer e a grande felicidade de confraternizarmos durante algumas curtas horas, dando expansão à indizível alegria de que estamos possuídos, por tão subida honra.

Na vanguarda de todos, a animar e propulsionar o desenvolvimento do acrisolado amor, que as duas cidades se consagram, aparece-nos a figura insinuante do inclito vianense, sr. dr. José António de Matos.

A Direcção do Club dos Galitos a que presido e do qual sou o sócio n.º 1 e o mais novo dos membros da sua Comissão Instaladora, desejando significar a sua Ex.ª o muito aprêço em que tem as suas altas qualidades e o superior afecto que dedica à nossa terra, deliberou, por aclamação, na sua sessão de 17 de Julho último, nomear seu sócio de honra tão prestante como insigne vianense e inaugurar hoje o seu retrato nesta sala, que é o nosso salão nobre.

Nele ficará como a afirmação do nosso mais vivo reconhecimento pelos relevantes serviços que vêm prestando às boas relações entre Aveiro e Viana, ao mesmo tempo que constituirá, para os vindouros, mais um símbolo da imorredoura amisade que liga as duas cidades irmãs.

Entregando a sua Ex.ª, com o maior prazer, a pasta contendo o diploma de sócio honorário dêste Club, convido para fazer o descerramento do retrato a Ex.ª Sr.ª D. Maria Adelaide de Meña Matos, estremecida filha do nosso novo sócio.»

Momento soléne. A gentilíssima senhora desempenha-se do encargo, o retrato do dr. José de Matos aparece à vista de todos e o que se passa, então, não o podemos descrever por falta de palavras para o traduzir.

Um delírio!

Discursa agora, restabelecido, de novo, o silêncio, o sr. dr. José Barbosa, vice-presidente do Sport Club Vianense.

—Simples palavras de agradecimento—diz— que são o reflexo duma grande simpatia que Aveiro uma vez mais demonstrou por Viana do Castelo. E prossegue:

—Ao cruzarmos êste pórtico de beleza que a Natureza fadou com encantos que deleitam a alma e recreiam o espírito, todos nós sentimos que uma força estranha operou um doce e suave milagre de amor de que nasceu esta filha—a Amisade—élo a prender as duas cidades—Viana e Aveiro. E' que os vianenses—afirma—amam Aveiro como a sua própria terra.

Outras passagens:

—Faremos todo o possível por pagar em gratidão e amisade o que doutra forma não podemos fazer. No sincero agradecimento que a todos dirijo e que sai do fundo da minha alma eu quero fazer uma distinção ao Club dos Galitos. A êle se deve o fogo desta chama de amisade que nos liga.

O sr. dr. José Barbosa refere-se também ao sr. dr. Melo Freitas, a quem considera um grande amigo de Viana, recorda saudosamente o nome de seu pai, que a morte levou e termina com uma vibrante saüdação a Aveiro logo abafada com estrondosos aplausos saídos da assistência.

Por sua vêz, o sr. José Dias Cerqueira, do Club Fluvial Vianense oferece aos Galitos um galhardête, acompanhado de algumas palavras de saüdação aos desportistas e por fim o sr. dr. José de Matos, comovido com as referências dos oradores antecedentes e com a homenagem que lhe fôra prestada, tudo agradece num improviso recheado de belas imagens acompanhadas de frutivas lágrimas que, brotando dos seus olhos vivos como a lucidez do seu espírito, quási lhe embargam a voz.

Foi alvo, ao terminar, de uma nova e bem merecida manifestação de carinho.

O descerramento da placa indicativa da «Rua de Viana do Castelo»

São 12 horas. A multidão, aglomerada em volta do primeiro pilar da Arcada, em frente à ponte, aguarda o momento de vêr descerrar a placa ali colocada e na qual, a letras de ouro, foram esculpidas as plavras—*Rua de Viana do Castelo.* Está coberta com a bandeira da cidade e após a chegada dos srs. presidentes da Câmara de Aveiro e de Viana, procede-se à cerimónia. E' ainda à galante e estremecida filha do sr. dr. José de Matos que é conferido o encargo do descerramento. A sr.ª D. Maria Adelaide pucha o cordão, a bandeira cai, as bandas rompem com o hino da cidade, estralejam foguetes, batem-se palmas, erguem-se vivas a Viana e Aveiro e o acto termina tão solene, como feliz foi a ideia que o inspirou.

Honra ao Club dos Galitos!

O Sport Club Beira-Mar associa-se ás festas

No salão da Associação Comercial realisou-se também uma sessão solene promovida pelo Beira-Mar. O sr. dr. David Cristo convidou para a mêsa de honra os srs. drs. José de Matos, José Barbosa e Melo Freitas e depois de saüdar os excursionistas, teve a palavra o sr. dr. António Cristo, que, oferecendo aos vianenses uma taça formada por todos os corações dos desportistas do Beira-Mar, exclamou, por último:

—Podem leva-los que estão bem entregues.

Uma salva de palmas e vivas rematou êste discurso, ao qual se seguiu outro do sr. dr. José de Matos para agradecer a deferência do Sport Club Beira-Mar.

Um almôço de confraternização

No *Arcada-Hotel* realisou-se, cêrca das 14 horas, um almoço oferecido aos corpos gerentes do Sport Club Vianense pelo Club dos Galitos, em que tomaram também parte os antigos presidentes do grémio local e representantes da imprensa. A ementa, primorosa e bem servida, honrou o *Arcada*, que assim vai cimentando os seus créditos.

A' sobre-mesa brindaram os srs. dr. Melo Freitas, dr. José Barbosa, o nosso director, José Duarte Simão e o dr. José de Matos, para quem todos tiveram palavras de muito aprêço nas elogiosas referências que lhe fizeram.

Como nota jocosa, esta quadra de *Zé Rancheiro* que nos foi entregue:

O senhor do *Democrata*
Falou de Viana antiga,
Mas a Viana moderna
E' cada vez mais amiga.

O festival no Jardim e no Parque

Iniciou-se pelas 15 horas com a exibição do Rancho Infantil, que a assistência muito numerosa, aplaudiu, fazendo bisar alguns números do programa. Depois deram concertos as bandas José Estêvão e Amizade, tocando ao mesmo tempo um *jazz*, de Ilhavo, no *ring* de patinagem, onde se dançou animadamente até ás 19 horas.

Um Porto de Honra

Ao mesmo tempo que as músicas tocavam era oferecido pelo Club dos Galitos, no Pavilhão do Parque, aos excursionistas de

A' cidade de Aveiro

A Comissão das festas de recepção aos Vianenses, que tiveram lugar em 1 do corrente, havendo encontrado da parte das entidades oficiais e de todo o povo desta cidade o melhor acolhimento e apoio, vem, por tal facto, manifestar a sua satisfação e o seu reconhecimento.

4/VIII/937

Pela Comissão, O Presidente,
JAIME DAGOBERTO DE MELO FREITAS

Liceu de José Estêvão

=o=

Pelo sr. dr. José Maria Rodrigues da Costa, tenente-coronel-médico reformado, acaba de ser oferecido ao Gabinete de Ciências Biologicas do nosso Liceu um curioso exemplar de vibora, considerado pouco vulgar na região onde foi morta, por ter a extremidade da cauda branca.

O sr. dr. Rodrigues da Costa é um dos mais antigos alunos daquêle estabelecimento de ensino, pois conta para cima de 90 anos. A-pesar disso conserva, como se vê, bem viva a saüdade dos seus tempos de estudante e do Liceu onde formou o seu espírito.

O venerando ancião ainda não há muito tempo que foi louvado pelo Govêrno da República por ter oferecido àquêle Gabinete uma importante colecção de exemplares de aves nacionais e estrangeiras. E' digno, portanto da gratidão de quantos se interessam pelas coisas do Liceu.

* * *

Para êste, foi nomeado agora servente assalariado, o sr. João Maria Pereira, desta cidade.

Efemérides

7 de Agosto

1814 — Pio VII restabelece as ordens religiosas.

1904 — Morre Francisco Gouveia, republicano portuense a quem se deve o monumento aos vencidos do 31 de Janeiro no cemitério do Repouso.

O TEMPO

Segundo os diários, em Lisboa tem feito um calor de assar rôlas, ao contrário do que acontece em Aveiro onde a temperaturaa não pode ser mais agradável.

Por que não fogem os alfacinhas para cá?...

Trofeus e medalhas

—o—

Numa das montras do *Jardim das Modas* estiveram expostas a quando da visita dos vianenses, as taças e medalhas ganhas pelo *Sport Club Beira-Mar*, principalmente em natação, em que marcou logar de destaque, cobrindo-se de glória.

Aquela exposição veio avivar os nomes de Tobias de Lemos, Domingos Calisto, Joaquim Gonçalves, Alfredo Romão, Cipriano Portugal, Joaquim Ferreira e de tantos outros nadadores que tão alto elevaram aquêle club, honrando a nossa terra.

Falta de espaço

Por êste motivo é-nos impossível abordar hoje vários assuntos que, não perdendo a oportunidade, reservamos para o próximo número.

Viana, um *Porto de Honra*, que deu origem a novas e calorosas manifestações entre os nossos hospedes e os aveirenses ali reünidos. As duas salas e varanda encheram-se por completo, decorrendo num ambiente de franca cordealidade as horas passadas em tão alegre convívio.

A recita de gala em homenagem aos Vianenses

Atendendo ao desejo manifestado pelos nossos amigos das margens do Lima, o *Galo cantou* pela 20.ª vez. Teatro *á cunha*, a trasbordar. Capaichosas e adequadas ornamentações. Aplausos constantes, entusiasmo indiscritivel. No final do primeiro acto, o nosso ilustre conterrâneo, dr. Alberto Souto, que tem sido um vivaz animador do *Grupo Cénico do Club dos Galitos*, aparecendo à frente dêle, no palco, produz com a súa costumada correcção e eloquência, o seguinte discurso:

Minhas senhoras e meus senhores:

Pela primeira vez eu falo no decurso de um espectáculo desta natureza depois de ter oposto a resistência do meu costume ao convite honroso que me foi feito.

E embora bem receoso do tédio que pode causar a minha fala no meio da alacridade desta récita, reconheci que o encargo era indeclinável por ser indeclinável o dever de gratidão para com Viana, essa cidade amiga que ainda há um ano, mais uma vez, soube receber os aveirenses com honras principescas, e que no seu teatro,—que se chama de Sá de Miranda,—tão generosamente aplaudiu Aveiro e o humilde Grupo Cénico do Club dos Galitos, que eu bem julguei que ela tivesse esgotado por muito tempo o calor das suas melhores ovações.

Não podia negar-me, não, eu, pois, ao dever de, na despedida que por nosso mal se aproxima, dizer da saüdade que nos deixam tão simpáticos e ilustres hóspedes, porque isso seria quebra de elementar elegância e seria desobedecer ao imperativo formal da nossa afectividade.

Aqui estou, então, para lhes apresentar as homenagens e endereçar de ante-mão o adeus dos promotores dêste espectáculo. O nosso adeus, o adeus a que nos força a vossa partida!

Já?... Tão cêdo?... Tão depressa? Como é voraz e sôfrego o Tempo!...

E seria preciso mais alguma coisa do que proferir na vossa frente essa palavra—*adeus*?

Ela diz mais que todos os discursos porque é a síntese suprema de tôdas as emoções da despedida.

O que cumpria, e isso não me é possível dada a carência das minhas faculdades, era imprimir-lhe a expressão adequada, dar-lhe a entoação conveniente, fazer dessas duas sílabas o poemeto de saüdosismo que elas são tantas vezes: desgôsto da impossibilidade de comunhão e convivência e dôr de afastamento, acerbo espinho, como diria o poeta, cravado no coração de quem vai deixar de ter junto de si os objectos a que quere bem, os entes que estima, as pessoas a quem adora.

Adeus!—di-lo quem parte e di-lo quem fica.

As minhas palavras são o adeus dos aveirenses! *O adeus!...*—Quantos significados esta palavra admite, quantos sentimentos diversos ela traduz!

O *adeus* arrogante dos soberbos; o *adeus* tímido dos humildes; o *adeus* franco e sincero dos amigos; o *adeus* frio dos insensíveis; o *adeus* traiçoeiro dos maldosos; o *adeus* cruciante dos moribundos; o *adeus* enternecido das mãis desoladas; o *adeus* amargurado dos filhos que partem; o *adeus* dos esposos que se separam; o *adeus* mimoso das crianças; o *adeus* inocente dos anjos que Deus leva!...

O nosso é o adeus saüdoso dos irmãos! É o adeus da saüdade!

Por mais rico, variado e forte que seja o podêr de expressão da palavra humana, ela não tem termos nem sinónimos, nem verbos, nem orações, nem periodos capazes de darem uma impressão plena dos sentimentos que êsse vocábulo é suscetível de compreender.

Os sentimentos humanos são como as vibrações da matéria que vão do baixo, grosseiro, lento e cavo ao infinitessimal, agudo, subtil e etéreo.

É tal a gama e a freqüência das vibrações nos fenómenos ondulatórios descobertos pela ciência moderna que, para além de certos limites, elas tornam-se imperceptíveis aos sentidos humanos.

É necessária aparelhagem especial, como o detetor de T. S. F. para nós os percebermos e só o simbolismo cabalístico da alta matemática lhes pode definir as características e as propriedades.

Na alma humana dormem sentimentos e pensamentos que excedem também a possibilidade de expressão da nossa linguagem.

É mister recorrer à arte e, de tôdas as artes, creio eu que só a música satisfaz plenamente, porque só a música pode dar perfeita conta de certas subtilidades e delicadezas ultra-humanas e quási divinas da nossa sensibilidade.

A ideia-sentimento da despedida e da saüdade é uma dessas que só pela arte se podem definir: seja pela concepção de um estatuário, pela inventiva de um pintor, pela inspiração de um músico, pelo estro de um poeta.

Renuncío, pois, a falar da saüdade que nos deixais, Vianenses, para Vos dizer apenas—*que a sentimos já!*

* * *

Vão partir, dentro de pouco! E de o pensarmos, nós, sofremos «pena». Sofremos *pena*, sentimos *saüdade*.

Antecipadamente a sentimos, inquietos pela hora intristecedora da largada.

Em plena festa, invade-nos essa tristura.

Em pleno dia, luminoso e quente, de céu claríssimo, projecta-se sôbre nós, lá do longe, uma sombra...

Como sombra que viesse da fotosfera e dimanasse do próprio sol a empalidecer a face das virgens sorridentes e desbotar as rosas de um jardim do Paraíso...

E ao pensar e sentir isto, pergunta-me o *eu* misterioso que cá dentro anseia de ideal e enlouquece de sonho:—porque não hão-de eternisar-se as horas de felicidade?

Porque não hão-de os nossos visitantes ficar connosco, compartilhando, a todo o instante e para tôda a vida, do modesto lar de que dispomos e que para sempre gostosamente lhes oferecemos?

. . . .

Eu já criei, nas minhas fantasias de visionário e de idealista impenitente, um mundo—*o mundo dos impossíveis!*

Mansão ideal, construída pela minha imaginação, é uma ilha encantada onde só podem aportar as barcas dos sonhadores. Abro-lhe de vez em quando, de par em par, as portas de jaspe e nacar, e introduzo na multidão que o povôa, mais uma imagem. Lá moram os sonhos desfolhados, as ambições não satisfeitas, as obras irrealisáveis, os planos transcendentes, os dias que ontem foram venturosos e fugazes; não entram lá os cuidados da vida, as amarguras da existência, nem o sofrimento, nem a Morte, nem mesmo o Tempo que tudo devora e contamina; vivem lá os entes queridos que a morte nos levou; lá se mantêm a graciosidade inalterável das crianças, a nossa própria infância descuidosa, a juventude imperecível, o amor que passou e o amor das mulheres formosas em que alguma vez pensamos e que nunca nos amaram; as riquezas que jàmais podemos alcançar, a perfeição moral nossa e dos nossos semelhantes; uma sociedade sem miséria, uma Humanidade sem dores, nem rancores, nem ódios, nem invejas; a paz da terra, a bondade infinita dos Homens...

Tudo impossíveis e só impossíveis!...

Pois nêsse ceu dos impossíveis da terra, que, afinal, não é meu apenas, porque todos nós o arquitectamos e alimentamos nos recôncavos do nosso ser e nos devaneios do nosso espírito, temos nós, aveirenses, de colocar mais uma imagem, êste sonho: ficarem aqui e aqui viverem no seio da nossa melhor amisade, os nossos amigos visitantes e habitantes de Viana do Castelo!

Mundo dos impossíveis! Sim! Que os Vianenses não trocariam pela modéstia e pobreza da nossa terra, a riqueza e beleza peregrinas da Princeza do Lima!

Mas então quereria eu realizar um outro impossível que não contenderia já nem com o inato e intangível amor do próprio berço, nem com o patriótico bairrismo dos vianenses que têm razão sobeja para não preferirem nenhum outro solar à formosíssima cidade de que são oriundos.

Um outro impossível, mas cuja impossibilidade é meramente de ordem física: pela curiosíssima e perturbante teoria de Wegner, numa época recente da história da terra, foram à deriva para oeste os continentes até aí unidos. Assim se teria separado do continente euro-africano, o continente das Américas, cavando-se de permeio o Atlântico. E pensando nesta arrojadíssima ideia de um sábio, pregunto eu: — porque não hão-de transladar-se as nossas cidades, flutuando no cerúleo do mar que nos passa à porta, dêsse mar que nos embala, nos avizinha e nos dá o mesmo ar de família, e porque é que não hão-de tornar-se elas assim tão vizinhas que possam chamar-se Viana do Vouga e Aveiro do Lima?

Fisicamente impossível!...

Mas talvez nunca tenha sido nem realidade nem possibilidade o fenómeno da isostasia e da translação dos continentes e contudo, como sucede com muitas outras teorias, a hipótese de Wegner foi fecundíssima para a ciência.

Pois o sonho da translação das nossas terras, tornando-se tão vizinhas que se volvessem em meros bairros da mesma cidade, em pulmões do mesmo peito, lóbulos do mesmo cérebro, auriculo e ventrículo do mesmo coração, convertemo-lo nós numa realidade moral e afectiva.

Respiramos o mesmo ar e numa sístole e diástole comum, o mesmo sangue nos percorre as veias.

Esta imagem parece me corresponder inteiramente ao que sentem por Viana todos os aveirenses.

* * *

Mundo dos impossíveis!...

Também era impossível o casamento do Mar com o Doge veneziano e a República do Adriático todos os anos o celebrava!

Pois a hora que passamos é a festa de núpcias de Aveiro e Viana do Castelo!

Falta-nos o Bucentauro empavezado e flamante que levava o Doge a lançar às águas o anel simbólico?

Falta-nos o espectaculoso cenário medievo, a Praça de S. Marcos, o Palácio Ducal, o Canal Grande, o Rialto e o Lido, o leão alado, Santa Maria Maggiore e Santa Maria dela Salute?

Mas temos cá os moliceiros que não desmerecem das gôndolas, os esteiros da Ria com grinaldas de montes de sal, o mar da epopeia, o Minho verdejante, o Lima, parnaso de poetas, e Santa Luzia com os seus divinos panoramas que oferecem, aos que sobem essa montanha esplendorosa, a visão completa de uma ascensão ao Olimpo!

Faltam-nos os palácios, os mármores, o oiro e os brocados de Veneza, mas temos as côres mais ricas das paisagens de todo o mundo, em que a púrpura, a prata e o oiro, os aljófares e os diamantes, as ametistas, as safiras, os rubis e as esmeraldas, são vistas com indiferença de perdulários nos quadros imensos e na gigantesca palêta.

Temos os trajos espantòsamente lindos das lindíssimas mulheres das aldeias de Viana e o chale sóbrio, mas gentil, das Tricanas de Aveiro.

Para não fazer de erudito quanto a vultos e história, direi apenas que temos a tradição da bondade inexcedível de Frei Bartolomeu dos Mártires e da renúncia e humildade de uma Princeza que foi santa e de um génio da arte da palavra que poderia servir de exemplo da liberdade e da tolerância para os homens de todos os tempos. Mais não seria preciso, para a glória máxima dos dois povos. Mas temos do presente, vivo e actual, e acima de tudo, a dignidade e o civismo, a doçura e a beleza das almas virtuosas das duas terras admiràvelmente persistentes no seu amor de perto de três décadas!

Essas almas, são os noivos!

Que falta? O *sim* dos nubentes?

Êle está no espírito de todos nós.

Foi Viana que nos conquistou a alma. É Viana que leva por noiva a alma dos aveirenses!

Impossível dar um pálido reflexo, sequer, da ovação que o discurso do dr. Alberto Souto provocou. O seu nome saíu aclamado de todas as bocas e as palmas parecia não terem fim.

Nunca, desde que o teatro é teatro, tal coisa se viu lá dentro —garantimo-lo sem receio de desmentido. E porque cá fóra, na Praça da República, apinhada de gente, também fôra ouvido atravez de alto falantes, o mesmo se deu, tal o entusiasmo que se apoderou do público.

A seguir disse versos o sr. Hipolito Moura e *Zé Rancheiro* saíu-se com esta hilariante chalaça:

Aveiro disse um dia
Que desejava casar,
Lançou sortes à ventura
Qual a noiva a desposar.

Enviou os seus arautos
De longada até ao norte,
Escolheram a nossa terra
Por um capricho da sorte.

Conheceram-se, namoraram,
Fez-se a troca dos retratos,
Alcovitaram o consórcio
Alvarenga e Dr. Matos.

Paraninfaram ao acto
Dr. João da Rocha e Encarnação,
Luciano e José de Pinho,
E José Duarte Simão.

Pegaram nas alianças
Dr. Souto e Costa Pereira,
Couto Viana e Dr. Freitas
Na flôr de laranjeira.

Assinaram-se escrituras,
Foram feitos os pregões,
E n'uma lua auspiciosa
Casaram sem condições.

E foi tão feliz o noivado
Que já com esta petizada tôda
Há 28 anos que casaram
E ainda hoje dura a bôda.

A graça com que isto foi dito e, sobre tudo, a... presença de espírito, valeram um dinheirão... Que belo elemento para o *Cantar do Galo* se estivesse mais perto! Mas adiante. Continúa a representação até o fim e cada vez mais cheia de interêsse. Para, ao terminar, o Grupo receber uma verdadeira consagração do sr. dr. José Barbosa em nome da cidade de Viana, que calou fundo e deu origem a novas e estrondosas manifestações por parte de quantos assistiram ao espectáculo.

A despedida

O tempo passou veloz. 2 horas de segunda-feira. E' chegado o momento da partida. Nas proximidades do Club dos Galitos, que iluminou a fachada, bem como a Câmara, Biblioteca, Teatro, Sport Club Beira-Mar, Banco Regional, Sapataria Migueis, Fábrica de Moagem e Arcada-Hotel, faz-se a concentração. No entretanto, José de Castro, o conhecido pirotécnico de Viana, delicia-nos com uma série de fogo lançado da ponte da Dobadoura a qual termina por um *bouquet* deslumbrante, de maravilhoso efeito. Do corêto da Praça do Comércio desce, então, a banda que ali se fêz ouvir, organiza-se um cortejo que ela acompanha à estação, tomam os nossos hóspedes lugar no comboio que os trouxe e, à hora da tabela, 2,45, tem logar a abalada, depois da troca dos últimos abraços entre os que partiam e os que ficavam.

O que isso foi!

A *gare* apinhada e até o passo de nível de Esgueira tanta gente, tanta, tanta, a agitar os lenços brancos, que é impossível traduzir por meio de palavras o que só a visão pode fazer impressionar e sentir.

Que coisa tão grandiosa e emocionante o *adeus* das duas cidades amigas!

Ficará memorável. Nunca mais esquecerá.

Na segunda-feira

Aos que deliberaram prolongar a sua estada entre nós é oferecida uma «caldeirada» na Barra

Para acompanhar o sr. dr. José de Matos ficaram em Aveiro mais de 100 excursionistas dos 500 que haviam utilisado, para a vinda, o comboio especial. E a êsses proporcionou a Comissão das festas um passeio na ria, levando os à Barra nas lanchas do Turismo e oferecendo-lhes uma *caldeirada*, que foi servida no vasto salão da Assembleia. A' passagem por S. Jacinto repetiu-se a gentilêsa da aviação, vindo ao encontro das lanchas e evolucionando em volta delas como na véspera havia feito quando o cortejo descia a Avenida, o que deveras cativou todos os passageiros. Claro que durante a *caldeirada* reinou a maior alegria, as nossas tricanas do *Cantar do Galo* receberam mais provas da muita simpatia conquistada através as 20 representações da famosa revista, e ao cabo tudo voltou à normalidade pela retirada dos últimos vianenses na manhã de terça-feira.

Um grupo de conterrâneos nossos proporcionou ainda ao sr. dr. José de Matos e a sua gentil filha uma visita às *Caves do Barrocão*, de Anadia, onde lhes foi servido uma taça de espomoso por o gerente da acreditada firma vinícola, sr. Henrique Moreira Seabra, seguindo depois para a Curía e Bussaco. Aqui, subiram à Cruz Alta, estiveram no campo da batalha, junto ao obelisco que a comemora, e percorreram o edifício do Pálace Hotel, que é, no género, um verdadeiro monumento.

O regresso fez-se de noite já, chegando a caravana ao *Arcada* perto das 24 horas, para jantar.

Que saüdades ficaram por cá espalhadas dêsses dias que para sempre serão lembrados!

Telegramas

De Viana foram recebidos nesta cidade, entre outros, os seguintes:

Ex.mo Presidente da Municipalidade

Aveiro

Ainda profundamente emocionado pela apoteótica recepção feita ao povo de Viana por essa fidalga cidade incomparável e não encontrando palavras que fielmente traduzam o perene reconhecimento e a fraternal amisade dos Vianenses, peço licença para expressar êsses sentimentos num cordealissimo abraço na pessoa ilustre de V. Ex.ª como digno representante dessa muito querida cidade.

Aceite, pois, V. Ex.ª e seus gentilissimos municipes sinceros protestos da minha eterna gratidão pessoal.

O presidente da Câmara

a) JOSÉ ANTÓNIO DE MATOS

—

Ex.mo Presidente da Direcção do Club dos Galitos

Aveiro

Confundido, rendido, penhoradíssimo com as inexcedíveis gentilezas e primores de V. Ex.ª e dos seus cativantes consócios; incapaz de saber dizer-lhes a extensão do meu reconhecimento, porque tôdas as palavras se me afiguram inexpressivas para lhes testemunhar êsse dôce sentimento, abraço V. Ex.ª de encontro ao meu coração e ardentemente desejo que às alegrias que lhes devo, e são tantas e tamanhas, correspondam, no futuro, as mais invejáveis prosperidades dêsse Club e da incomparável cidade de Aveiro.

Pelo que ouço aos meus conterrâneos e pelo que eu próprio sinto, serão, já agora, indestrutíveis os laços de efusiva amisade que ligaram Viana a essa cidade única e o Sport Club Vianense ao Club dos Galitos.

Viva a cidade de Aveiro!

Viva o Club dos Galitos!

O presidente da Câmara Municipal de Viana

a) JOSÉ ANTÓNIO DE MATOS

—

Arnaldo Ribeiro

Aveiro

Ainda mal refeito de tantas emoções experimentadas pelo vosso fraternal acolhimento, peço seja intérprete o seu valoroso jornal, junto de todos os aveirenses, do meu eterno reconhecimento e imorredoura saüdade.

Um grande e afectuoso abraço.

JOSÉ DE MATOS

—

Director de «O Democrata»

Aveiro

Tendo morrido de saüdade ao apartar-me da vossa gente fidalga, ressuscito agora para mais uma vez gritar com tôda a fôrça da minha alma:

Viva Aveiro!

JOSÉ BARBOSA

—

Redacção de «O Democata»

Aveiro

O Sport Club Vianense, reunindo extraordinariamente, resolveu manifestar a sua profunda gratidão pelo carinhoso acolhimento dispensado aos excursionistas.

Viva Aveiro!

O vice-presidente

JOSÉ BARBOSA

Êste número foi visado pela Censura

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Rosa de Pinho Gilvaz Magalhães, viuva do nosso saudoso amigo Domingos Magalhães, actualmente no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil) e o sr. Benjamim Ferreira Fidalgo, do Centro Comercial de Aveiro, L.ª; àmanhã, a sr.ª D. Leopoldina Rodrigues Louro de Sousa, professora oficial e esposa do sr. Joaquim José de Sousa, 2.º sargento de cavalaria 8 e o sr. José de Almeida, empregado na filial da Caixa Geral de Depósitos; no dia 9, a sr.ª D. Maria Emília Ferreira da Silva, esposa do sr. Américo Carvalho da Silva; em 10, o sr. António Tavares de Sousa e em 13, o sr Júlio Cristo, digno escrivão de Direito da comarca.

Partidas e Chegadas

A passar as férias encontram-se entre nós os srs. dr. Carlos de Vilas-Bôas do Vale, delegado do P. da República no Porto e Francisco Lopes Oleastro, professor em Águeda.

—Em goso de licença está também em Aveiro o sr. Sebastião da Costa Trancoso, agente da Caixa Geral de Depósitos em Figueiró dos Vinhos.

—Chegou a casa de seus pais, nas Ribas, depois de ter concluido o 4.º ano da Escola de Medicina Veterinária de Lisboa, o estudante Manuel Amador da Cruz, a quem felicitamos.

—De Lisboa foi passar uma temporada para Rinchôa (Alqueidão) o sr. João de Moraes Machado.

—Vieram da capital o académico Agostinho Migueis Picado (filho) e a sr.ª D. Felicidade Henriques de Oliveira e Silva.

—De visita também aqui estiveram, os srs. capitão Alfredo de Brito e José Rabumba, êste acompanhado de toda a família.

Praias e Termas

Desde o principio do mês que veraneiam na Costa Nova a esposa e filhas do sr. capitão Casimiro Marques, ausente em Luanda e os srs. Carlos Vieira Tavares, João Ferreira de Macedo, Francisco Marques da Naia e dr. Jaime Duarte Silva e respectivas famílias.

—Em Espinho também se encontra com a família a passar o corrente mês o nosso amigo José dos Santos Jorge, guarda-livros no Porto, e para Entre-os-Rios partiu com sua esposa e interessante filha, o também nosso amigo, Gervasio Aleluia.

Novo médico

Concluiu a sua formatura em medicina na Universidade do Porto, o sr. dr. José Arnaldo de Quina Domingues Ferreira, filho do nosso velho amigo major Gaspar Ferreira, presidente da Junta Autónoma da Ria e Barra.

Ao novo esculápio e a seus pais as nossas felicitações, estimando que obtenha novos triunfos na vida prática.

Excursões

Além de outras visitou Aveiro, no domingo, uma numerosa excursão do Tramagal, acompanhada de uma banda de música e na segunda-feira também aqui esteve um grupo excursionista de Barcelos, que cantou e dansou em frente à nossa Redacção, ao sr. Manuel Pereira Vilas-Bôas deixou um cartão de cumprimentos, que agradecemos.

* * *

Em comboio especial também deve chegar àmanhã a esta cidade a projectada excursão promovida pelos *Entendidos da Sé*, do Porto, e na qual tomam parte, como já dissemos, outros grupos daquela cidade.

O almôço é servido no *Gato Preto*, devendo, antes, efectuar-se uma cerimónia junto do monumento aos Mortos da Guerra, na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, para a qual a Comissão Administrativa da Agência da Liga dos Combatentes convida a assistirem, por intermédio do nosso jornal, os seus filiados e os habitantes de Aveiro, em geral.

A excursão em referência é dedicada ao Grupo Recreativo Vaidosos do Porto e à Companhia de S. P. Guilherme Gomes Fernandes, desta cidade.

Muito estimamos que os componentes levem de Aveiro as melhores impressões.

Baile na Barra

Realiza-se no próximo sábado, 14 do corrente, o primeiro baile da época, na Assembleia da Barra, promovido por uma comissão de banhistas e para o qual *O Democrata* foi convidado, gentileza que agradecemos.

E' denominado *O Trevo da Felicidade.*

Contra-torpedeiro «Vouga»

A política do Estado Novo, a que preside a grande figura de Salazar, além dos melhoramentos palpáveis que se encontram em todo o país, dotou a nossa Marinha de Guerra com modernos barcos e, ao fazê-lo, não esqueceu a nossa encantadora região, dando o nome de *Vouga* a um dos novos contra-torpedeiros. Mas a homenagem que quis prestar-nos não se resume só ao nome dêsse barco. Na frente da ponte do Comando, bem visível a toda a gente, e ainda em várias salas, as armas da cidade de Aveiro, com as mais honrosas legendas, dão-nos a satisfação de ver que esta terra não foi esquecida nas esferas oficiais. Por isso Aveiro não podia ficar indiferente, e bem haja a ilustre vereação camarária, que, por proposta do seu presidente, sr. dr. Lourenço Peixinho, resolveu oferecer ao *Vouga* uma linda bandeira, ricamente confeccionada pelas senhoras Loureiros.

Sabemos que vai ser feito convite às instâncias superiores para que o *Vouga* aqui a venha receber, possìvelmente nas marés vivas do mês corrente, pois há esperanças de que possa entrar a nossa barra. E a ser assim, a visita é de tal magnitude que não se deve efectivar sem uma festa condigna.

Honra aos mortos

Os vianenses, durante a sua estada em Aveiro, não se esqueceram dos nossos queridos mortos, pelo que depositaram no pedestal da estátua de José Estêvão um ramo de flores com a seguinte dedicatória—*Ao grande orador José Estêvão Coelho de Magalhãis, o Viana Foot-Ball Club*, e outro na campa do dr. Joaquim de Melo Freitas, indo, para êsse efeito, ao cemitério em piedosa romagem.

Registamos com reconhecimento a lembrança.

Secção desportiva

Ciclismo

II Circuito de Aveiro

Vai realisar-se pela segunda vez êste circuito, promovido pela firma *Guimarães & Filhos* e com o seguinte itenerário: Aveiro (partida), Oliveira do Bairro, Sangalhos, Anadia (contrôle), Águeda, Mourisca, Albergaria-a-Velha e Aveiro (chegada) com dez voltas à Avenida Dr. Lourenço Peixinho.

Está marcado para o dia 29 do corrente e os seus organisadores contam com a adesão dos melhores *azes* do pedal para que seja revestido do maior brilhantismo.

Haverá prémios para os primeiros classificados.

Y.

Desastre e morte

Quando fazia exercícios de equitação na parada do Quartel de Cavalaria 8, deu uma queda do cavalo que montava, o soldado Joaquim Martins da Silva, a quem sobreveio uma comoção cerebral de que lhe resultou a morte, no Hospital, onde dera entrada.

O seu cadáver foi transportado para o Quartel e dali conduzido, quarta-feira de tarde, no magnífico auto da Associação H. dos B. Voluntários para o cemitério novo. Acompanharam o cadaver o 2.º esquadrão do regimento a que pertencia, bem como alguns sargentos e oficiais que desta forma quizeram prestar homenagem condigna ao desventurado soldado. Êste contava 20 anos, apenas, e era natural de S. Pedro Jarmelo, concelho e distrito da Guarda.

Necrologia

Dr. Egas Pinto Basto

Na sua casa da antiga Rua Direita finou-se na manhã de quarta-feira, o sr. doutor Egas Ferreira Pinto Basto, coronel de Engenharia e professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

O ilustre extinto, aveirense nato, deixa o mundo aos 56 anos de idade. Filho de Gustavo Ferreira Pinto Basto, que entre nós se evidenciou como chefe político e presidente do município antes do advento da República, concluiu a sua formatura em 1907, ano em que também se doutorou. Deixa uma vasta obra cientifica a atestar os seus conhecimentos e a sua erudição, pelo que a morte do nosso conterraneo foi bastante sentida não só nesta cidade, como em Coimbra.

Casado com a sr.ª D. Rosa de Matos Pinto Basto, deixa trez filhos: a sr.ª D. Maria José Pinto Basto e os srs. engenheiro Antonio Pinto Basto e José Pinto Basto, aluno da Faculdade de Ciências. Era irmão da sr.ª D. Clotilde Couceiro da Costa, viuva do dr. Francisco Couceiro da Costa, e cunhado do sr. Antonio Calheiros, gerente da filial da Vacuum Oil Company, do Porto.

O funeral do sr. doutor Egas efectou-se ante-ontem de tarde, com grande acompanhamento, para o cemitério central onde lhe foram prestadas honras militares por duas companhias de infantaria sob o comando do capitão Amílcar Gamelas e respectiva banda de música. Organisaram-se apenas dois turnos constituidos, o primeiro, pelos srs. dr. Eusébio Tamagnini, dr. Mário de Figueiredo, dr. Custódio Patena e dr. Lourenço Peixinho, e o segundo, pelos srs. Teodoro Pinto Basto, tenente Duarte Calheiros, José Ferreira Pinto Basto e António Ferreira Pinto Basto.

A chave da urna era conduzida pelo sr. dr. Anselmo Ferraz de Carvalho, director da Faculdade de Ciências, e o capelo e a borla, pelo sr. dr. Rui Couceiro da Costa.

Em curtas, mas sentidas palavras de saüdade, despediram-se do talentoso aveirense, o seu colega dr. Ferraz de Carvalho e o dr. Querubim Guimarãis.

Tudo quanto há em Aveiro de mais distinto acompanhou à última morada o cadáver do bondoso professor, tendo vindo de Coimbra, além dos representantes da Universidade, alguns amigos para lhe renderem a última homenagem.

Também se encorporou no funeral elevado número de oficiais do exército de terra e mar, dirigindo-o o sr. dr. Jaime Duarte Silva, amigo íntimo do pranteado morto.

A tôda a família enlutada o *Democrata* acompanha nesta hora de dura provação.

Dr. Pereira Zagalo

Na praia do Farol, onde se encontrava com a família, também se finou o sr. dr. José Pereira Zagalo, juiz desembargador da Relação de Coimbra, aposentado, seguindo o cadáver para Ovar, terra da sua naturalidade.

A falta de espaço inibe-nos de dizermos hoje mais, o que faremos na próxima semana. No entretanto recebam sua dedicada esposa e filhos os nossos sentidos pêsames.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Maria da Conceição da Costa, de 76 anos, casada com António da Costa; Virgínia Carvalho dos Reis Graça, de 55 anos, viuva, e Lourenço Ferreira, o *Estrelinha*, de 43 anos, casado e dizimado pela tuberculose. Em *Verdemilho*, José Marques da Silva, viuvo, de 76 anos, e em *Esgueira*, a sr.ª D. Pepe Soares, solteira, de 46 anos.

Homenagem a Viana do Castelo

Subscrição de 1 escudo para aquisição das placas com o nome da terra amiga

Transporte . . . 508$00

Dr. Abílio Justiça, Artur Amador, Artur Amador (filho), Mario Amador, Aldára Amador, Adozinda Amador, Antero M. Bastos, Maria La-Salete Bastos, Maria Luisa Amador, dr. José Vieira Gamelas . . . . 10$00

Soma. . . 518$00

Manifesto de oliveiras e árvores de fruto

Um decreto, há pouco tempo publicado, impõe a todos os proprietários de prédios rústicos que tenham oliveiras e árvores de fruto a obrigação de manifestarem o seu número.

Todo o bom português a quem esta determinação diz respeito tem mais uma obrigação a cumprir que o dever de bom patriota exige.

Necessita o Govêrno da Nação, uma vez mais, dêste seu modesto concurso para resolver problemas que interessam à sua economia. Não tem isto em mira nenhum fim fiscal; é simplesmente para fins estatísticos.

Seria difícil em meia dúzia de linhas explanar as vantagens que daí advêm, dizendo que o Govêrno necessita de prever a longo prazo as subsistências que o País carecerá, além de variados elementos de estudo que dessas estatísticas pode tirar, no sentido de aumentar o seu potencial de exportação.

Estabelece o decreto que o manifesto seja feito só pelos proprietários (e não pelos rendeiros, parceiros ou meeiros), e por freguezias onde estão situadas as propriedades; as espécies que interessam são: oliveiras, alfarrobeiras, ameixieiras, amendoeiras, aveleiras, castanheiros, cerejeiras, damasqueiros, figueiras, larangeiras, limoeiros, tangerineiras, macieiras, marmeleiros, nespereiras, nogueiras, pereiras, pessegueiros e romanzeiras.

Para mais completa elucidação, permita-se a transcrição do art.º 4.º do decreto n.º 27.739, que diz:

«Os proprietários deverão declarar, separàdamente, o número de árvores novas, e de árvores adultas e o de árvores velhas ou caducas de cada espécie, quer em plantação regular, extremes ou associadas, quer em plantação irregular ou dispersa, e descriminar as árvores novas, quanto à produção, em árvores que não produzem, pouco produtivas e regularmente produtivas.

§ único—Nas declarações de existência de oliveiras mantêm-se êstes agrupamentos, mas em cada um dêles descriminar-se-ão as árvores associadas à vinha, daquelas que constituem olivais e das que se encontram irregularmente plantadas em terras lavradias, nos montados de sôbro e azinho e ainda nas extremas das propriedades e nas beiras das estradas e caminhos.»

Os manifestos são feitos em impressos especiais que se encontram à venda nas regedorias das freguezias ao preço de $30 e realizam-se de 5 em 5 anos no período que decorre de 1 de Abril a 31 de Julho. O primeiro manifesto desta natureza realizou-se em 1932, repetindo-se agora novamente.

Espera-se, portanto, que todos os proprietários de oliveiras e fruteiras não faltem ao cumprimento dos seus deveres fixados pelo decreto n.º 27.739, concorrendo assim para o bem da Nação, e não incorrendo nas penalidades que no mesmo lhes são cominadas.

* * *

Foi-nos comunicado que o prazo da entrega dos manifestos acaba de ser superiormente ampliado até 30 do corrente mês.

Contribuição Industrial

(Grupo C)

O prazo para os contribuintes dêste Grupo nomearam, por classe e freguesia, os seus delegados à Comissão de fixação dos rendimentos tributáveis para 1938 e ainda os delegados à Comissão de reclamações, principiou em 1 do corrente e termina no dia 15.

Tanto uns como outros são nomeados pelo Grémio respectivo ou, não o havendo, em reünião da Classe a efectuar na Câmara Municipal.

Os nomes dos delegados devem ser apresentados ao Chefe da Secção de Finanças até ao próximo dia 15 dêste mês.

Jantar de homenagem

Devendo seguir àmanhã para Lisboa a-fim-de receber a instrução militar o nosso conterrâneo António José Flamengo, ensaiador da revista *Ao cantar do Galo*, que tanto sucesso tem alcançado, um grupo de amigos oferece-lhe hoje à noite, num restaurante da Beira-Mar, um jantar íntimo, para o qual fomos convidados. Principiará às 20 horas.

Meteorologia e Sismologia

Previsões de 8 a 14 de Agosto

METEOROLOGIA

Oscilação barométrica geral—Continúa a subida barométrica iniciando em 10, a descida fortemente acentuada de 14 para 15.

Datas de novos ciclones—De 10 para 11 e de 14 para 15.

Movimentos mais sensíveis no campo de pressão—De 10 para 11 e de 14 para 15.

Tempo em Portugal—E' provável que o tempo se apresente, por vezes, ventoso, principalmente em 8.

Tempo no estrangeiro—Tendência para mau tempo e maior intensidade dos ventos: na Biscaia, Inglaterra, Servia, Crimeia, e Japão.

Oscilação provável de temperatura na Península—Depois de subir sensivelmente em 8, continua oscilante, com tendência para descer, a partir de 9.

SISMOLOGIA

Datas de maior sensibilidade: em 10 e de 13 para 15.

Setúbal, 4 de Agosto de 1937.

A. CARVALHO SERRA

ACTIVIDADE CORPORATIVA

A acção social da Casa do Douro

O decreto n.º 21.883, de 18 de Novembro de 1932, que criou a Federação Sindical dos Viticultores da Região do Douro, em moldes quási corporativos e dotada dos meios de acção necessários para exercer benéfica influência, e à qual, por abreviação prática, foi dada oficialmente a designação de Casa do Douro, demonstrou claramente o carinho e o cuidado que sempre têm merecido ao govêrno da presidência do sr. dr. Oliveira Salazar a produção e o comércio do produto que representa o mais alto valor da nossa permuta comercial.

A evolução da política corporativa, na curva ascendente do seu desenvolvimento, originou várias modificações nos estatutos da Casa do Douro que, da Federação das Uniões concelhias—por seu turno formadas pelos Sindicatos Vitículas de tôdas as freguesias produtoras do vinho generoso da região demarcada do Douro—passou a Federação dos Vinicultores, sendo as uniões concelhias transformadas em Grémios de Vinicultores, que conservaram a constituição e a competência daquelas (decreto-lei n.º 24.948, de 10 de Janeiro de 1935).

Cabe à direcção da Casa do Douro a iniciativa da criação de Casas do Povo nas freguesias rurais da região, cuja acção em matéria de previdência social ela orientará.

A Casa do Douro contribue, para o fundo de previdência rural, a exercer pelas Casas do Povo, com 40% da taxa fixa de $02 por cada litro de vinho ou mosto produzido. Também. e com o mesmo fim, são destacados 30% dos sal dos aprovados por balanço anual, isto enquanto não estiver realizado o fundo de crédito, pois, a partir dessa data, a referida percentagem elevar-se-á a 40%.

São já de louvar, a par da sua acção económica, os frutos da acção social realizada por êste organismo e que, embora iniciada pràticamente há pouco mais de um ano, queremos nestas linhas pôr em devido relêvo.

Até Dezembro de 1936, funcionavam na região 16 Casas do Povo e encontravam-se, em organização, 25.

De 7 de Abril de 1936 a 2 de Março do corrente ano, o total das verbas concedidas atingiu 185 mil escudos. No mesmo período, distribuíram-se 79.417 sopas e 13.426 quilogramas de pão. 997 trabalhadores foram contemplados com géneros, cabendo, em regra, a cada um 1 quilograma de bacalhau, igual peso de arroz e de massa e meio litro de azeite. A Casa do Douro pagou 3310,5 jornais num total de cêrca de vinte mil escudos.

Das Casas do Povo existentes, as de Cambres, Pinhão e Vilarinho dos Freires estão instaladas em edifícios daquele organismo. À construção e adaptação de outros edifícios e à instalação de novas «tormossíssimas instituições», como já foram denominadas as Casas do Povo, consagra a Casa do Douro 76 mil escudos, ainda não totalmente distribuídos.

A distribuição de vestuário a crianças, a sustentação de postos de ensino, a assistência médica são outros tantos capítulos da benemérita acção social da Casa do Douro, que também concedeu donativos à Assistência Nacional aos Tuberculosos, a Casas de Misericórdia (Hospitais) e a oito instituições privadas.

Comparticipou em trabalhos públicos, sempre durante o mesmo período, com a verba de 7.633 escudos.

Êstes parcos elementos são suficientes para se ajuizar do préstimo do organismo no campo social, pois o que está feito—e algo é—é tanto mais para louvar quanto é certo que, anteriormente, tudo estava por fazer.

Correspondencias

Esgueira, 4

E' no próximo domingo que aqui chegam, trasladados de Almada, os restos mortais das meninas Quinhas e Tizinha, antigas alunas do liceu dessa cidade e filhas do sr. João da Silva Melo e de sua esposa, a sr.ª D. Palmira Catarino de Melo, que aqui exerceu o magistério primário.

E' dever dos esgueirenses incorporarem-se na piedosa manifestação, pois as extintas deixaram na nossa terra imensas saüdades.

—Quando carregava um carro de junco escorregou e caíu, resultando-lhe fractura duma perna, José Simões Maia, pai do sr. João Brites Leitão Simões Maia.

—Encontra-se entre nós a passar alguns dias, o nosso amigo e assinante, Manuel Nunes Morgado, industrial de panificação em Sacavem.

C.

Declaração

Manuel Melão, de S. Bernardo, declara por êste meio que se não responsabilisa por dívidas que daqui para o futuro contraia, sem sua autorização, seu filho António Melão, residente no Bonsucesso.

S. Bernardo, 6 de Agosto de 1937.

AVISO

A Comissão das festas de recepção aos Vianenses avisa, para govêrno dos interessados, que as contas que haja a liquidar devem ser apresentadas até 12 do corrente, ao tesoureiro, Henrique Rato.

4/VIII/937.

A Comissão

A fechar

Um médico para o doente:

—É escusado estar a enganá-lo; o seu estado é muito grave. Há alguém a quem deseja ver?

—Há—responde o doente em voz sumida.

—Quem é?

—Outro médico.

Comarca de Aveiro

—o—

Arrematação

2.ª publicação

No dia 3 do próximo mês de Outubro, por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, na execução por custas e sêlos promovida pelo exeqüente Ministério Público contra os executados João Gomes da Silva e mulher Adelaide de Oliveira, agricultores, da Quinta do Gato, freguesia da Glória, desta dita comarca, vai, em terceira praça, sem valor, para ser arrematado por quem maior lanço oferecer, o seguinte prédio:

Uma morada de casas de habitação com terra lavradia, sita no referido lugar da Quinta do Gato, freguesia da Glória, avaliada em 600$00 e entra em praça sem valor.

A siza e despezas da praça são pagas nos termos da lei.

Pelo presente são também citados quaisquer credores incertos para assistirem à praça e usarem de seus direitos, querendo.

Aveiro, 19 de Julho de 1937.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 2.ª Vara,

Melo Freitas

O Chefe da 1.ª secção,

António Augusto dos Santos Victor

Comarca de Aveiro

—o—

Arrematação

2.ª publicação

No dia 3 do próximo mês de Outubro, por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, na execução por custas e sêlos em que são:—exeqüente o Ministério Público e executados João Luís Flamengo e D. Eduarda Osório Flamengo, ambos desta cidade, vai, em segunda praça, para ser arrematado por quem maior lanço oferecer acima de metade da sua avaliação, o seguinte:

Um pequeno armazém, com terreno contíguo e mais pertenças, direitos e servidões, sito na Rua do Arco, freguesia da Vera-Cruz, desta cidade, avaliado em 10.000$00 e entra em praça por 5.000$00.

A siza e despesas da praça são pagas pelo arrematante nos termos da lei.

Pelo presente são também citados quaisquer credores incertos para assistirem à praça e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 19 de Julho de 1937.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 2.ª Vara,

Melo Freitas

O Chefe da 1.ª secção

António Augusto dos Santos Victor

Comarca de Aveiro

—:—

Arrematação

2.ª publicação

No dia 10 do próximo mês de Outubro, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, e na execução por custas e sêlos promovida pelo Ministério Público contra os executados José da Silva Maia e mulher Ana Marques da Silva, lavrador, da Costa do Valado, se há-de proceder à arrematação em 3.ª praça, a-fim-de ser entregue a quem maior lanço oferecer, do seguinte prédio:

Um pinhal e pertenças, sito na Várzea de S. Bento, limite da Costa do Valado, freguesia da Oliveirinha, e vai à praça por qualquer preço.

Por êste meio são citados quaisquer credores incertos para assistirem à arrematação e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 26 de Julho de 1937.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 1.ª Vara

Correia Marques

O Chefe da 1.ª secção,

Júlio Homem de Carvalho Cristo

Comarca de Aveiro

Éditos de 30 dias

1.ª publicação

Pelo Juizo de Direito da segunda Vara da comarca de Lisboa e cartório da 2.ª Secção, Almeida Fernandes, correm éditos de 30 dias, a contar da 2.ª e última publicação do presente anúncio, citando quaisquer pessoas ou herdeiros incertos, que se julguem com direito a opor-se à justificação avulsa em que Dona Rita da Cruz Pacheco, viuva, pretende ser julgada habilitada única e universal herdeira de seu filho António Ferreira Pacheco Júnior, natural da freguesia da Vera-Cruz, deste concelho de Aveiro, residente que foi com a justificante sua mãi na Travessa das Aguas Livres, número dezanove, terceiro andar, lado direito, da cidade de Lisboa, onde faleceu em 28 de Fevereiro último, no estado de viúvo de Dona Carlota Vieira Pacheco, sem descendentes, nem outro ascendente além da referida sua mãi, pois que o pai, António Ferreira Patacão Pacheco, marido da dita sua mãi, faleceu antes dele; e em cujo processo a mencionada Dona Rita pretende ser julgada habilitada única e universal herdeira do dito seu filho, para todos os efeitos legais e nomeadamente para, nesta qualidade, poder utilizar ou levantar quaisquer quantias em depósito e seus respectivos juros, bem como todos e quaisquer outros bens pertencentes à herança do dito seu filho. Qualquer oposição e habilitação deverão ser deduzidos no prazo de vinte dias, a contar do termo dos éditos, sob pena de revelia.

Aveiro, 30 de Julho de 1937.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 1.ª Vara

Correia Marques

O Chefe da 1.ª Secção,

Júlio Homem de Carvalho Cristo